

Velhices, cognição e (trans)formação: significados construídos em dinâmicas interdisciplinares direcionadas a pessoas idosas institucionalizadas

Old age, cognition and (trans)formation: meanings constructed in interdisciplinary dynamics directed towards institutionalized elderly people

Vejez, cognición y (trans)formación: significados construidos en dinámicas interdisciplinarias dirigidas a personas mayores institucionalizadas

Recebido: 26/10/2022 | Revisado: 10/11/2022 | Aceitado: 13/11/2022 | Publicado: 16/11/2022

Paula Aparecida Diniz Gomides

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4699-4309>
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
E-mail: paulagomides@ufmg.br

Thais Aparecida Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8310-6286>
Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil
E-mail: thais.psicologia2017@gmail.com

Fernando Basílio dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9507-8112>
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil
E-mail: fernandodossantosuenf@gmail.com

Kissila Machado Ferreira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0876-1168>
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil
E-mail: kissilamf@gmail.com

Giliana Assad Lubanco

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6653-9461>
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil
E-mail: gilianalubanco@hotmail.com

Abraão Danziger de Matos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1329-9999>
Universidade Federal do ABC, Brasil
E-mail: estudantegc@gmail.com

Lidiane Silva Torres

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3749-6260>
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil
E-mail: lidianesilvatorres1@gmail.com

Marcela Mary José da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3163-3233>
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil
E-mail: mmjsilva@ufrb.edu.br

Ana Luiza Barcelos Ribeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7299-3422>
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil
E-mail: analuizabarcelos32@yahoo.com.br

Joana Maristela Moreira Moleda

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1538-7749>
Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul, Brasil
E-mail: moledajo@gmail.com

Resumo

O principal objetivo deste artigo é analisar os resultados de algumas oficinas realizadas com pessoas idosas institucionalizadas, ou seja, em condição de asilamento. Lançamo-nos na reflexão sobre dinâmicas interacionais, desenvolvidas, amparados pela perspectiva Freiriana (Freire, 2019; 2021), articulamos experiências emancipatórias a processos de inclusão e amorosidade. Nossas questões de pesquisa versam sobre compreender como dinâmicas que envolvam pessoas idosas asiladas, podem contribuir para a melhora de sua qualidade de vida? O que evidenciam os relatos de pessoas idosas institucionalizadas que participaram de dinâmicas interacionais pautadas no desenvolvimento de capacidades físicas e cognitivas? A pesquisa se caracteriza como de natureza qualitativa e cunho exploratório, tendo em vista a análise de nove encontros realizados em uma instituição de acolhimento de pessoas idosas situada em uma cidade do interior de Minas Gerais. Nossos resultados evidenciam que a promoção de

atividades que relacionem a corporeidade, utilização de novas tecnologias, estímulos à ludicidade e amorosidade nas relações que enfocam diferentes letramentos, promovendo a inserção social-interacional podem contribuir para a melhora das comorbidades comuns na terceira idade. Entendemos que o envelhecimento é um fenômeno complexo e que, apesar de inevitável, acomete a subjetividade humana por diferentes vias. O aumento da expectativa de vida no Brasil tem suscitado novas investigações voltadas a alternativas para que a velhice não seja reduzida ao estigma da incapacidade ou debilidade. Ao contrário disto, investigações sobre como tornar esse momento da existência mais ativo e motivador têm produzido estudos em diferentes áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Envelhecimento populacional; Qualidade de vida relacionada à saúde; Atividades de formação.

Abstract

The main objective of this article is to analyze the results of some workshops conducted with institutionalized elderly people, i.e., in asylums. We launch ourselves in the reflection about interactional dynamics, developed, supported by the Freirian perspective (Freire, 2019; 2021), articulating emancipatory experiences to inclusion and loving processes. Our research questions are about understanding how dynamics involving elderly people in nursing homes can contribute to the improvement of their quality of life? What do the reports of institutionalized elderly people who participated in interactive dynamics based on the development of physical and cognitive abilities show? The research is characterized as qualitative and exploratory in nature, considering the analysis of nine meetings held in an institution for the elderly located in a city in the interior of Minas Gerais. Our results show that the promotion of activities that relate corporeality, use of new technologies, stimulus to playfulness and loving relationships that focus on different literacies, promoting social-interactional insertion can contribute to the improvement of common comorbidities in old age. We understand that aging is a complex phenomenon that, despite being inevitable, affects human subjectivity in different ways. The increase in life expectancy in Brazil has prompted new investigations aimed at alternatives so that old age is not reduced to the stigma of incapacity or weakness. On the contrary, investigations on how to make this moment of existence more active and motivating have produced studies in different areas of knowledge.

Keywords: Population aging; Health-related quality of life; Training activities.

Resumen

El objetivo principal de este artículo es analizar los resultados de algunos talleres realizados con personas mayores institucionalizadas, es decir, en asilos. Nos lanzamos a la reflexión sobre las dinámicas interaccionales, desarrolladas, apoyadas en la perspectiva freiriana (Freire, 2019; 2021), articulamos las experiencias emancipatorias a procesos de inclusión y amor. Nuestras preguntas de investigación se centran en comprender cómo la dinámica que envuelve a las personas mayores en las residencias puede contribuir a mejorar su calidad de vida... ¿Qué muestran los informes de las personas mayores institucionalizadas que participaron en dinámicas interactivas basadas en el desarrollo de las capacidades físicas y cognitivas? La investigación se caracteriza por ser de naturaleza cualitativa y de carácter exploratorio, considerando el análisis de nueve encuentros realizados en una institución de acogida para personas mayores ubicada en una ciudad del interior de Minas Gerais. Nuestros resultados muestran que la promoción de actividades relacionadas con la corporeidad, el uso de las nuevas tecnologías, la estimulación de las relaciones lúdicas y amorosas que se centran en diferentes alfabetizaciones, promoviendo la inserción socio-interaccional pueden contribuir a la mejora de las comorbidades comunes en la vejez. Entendemos que el envejecimiento es un fenómeno complejo y que, a pesar de ser inevitable, afecta a la subjetividad humana de diferentes maneras. El aumento de la esperanza de vida en Brasil ha suscitado nuevas investigaciones destinadas a buscar alternativas para que la vejez no se reduzca al estigma de la incapacidad o la debilidad. Por el contrario, las investigaciones sobre cómo hacer que este momento de la existencia sea más activo y motivador han producido estudios en diferentes áreas del conocimiento.

Palabras clave: Envejecimiento de la población; Calidad de vida relacionada con la salud; Actividades de formación.

1. Introdução

Iniciamos nossa argumentação ressaltando a importância da escuta ativa, da amorosidade e do compromisso, firmado entre os homens por compreensão mútua e emancipação. O aumento no índice de envelhecimento em nosso país é um reflexo que nos leva a compreender que alguns fatores, como o avanço da medicina ou a busca por alternativas para a prevenção de doenças, têm repercutido de forma positiva na conservação da vida e da saúde. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), havia em 2018 cerca de 28 milhões de pessoas idosas em nosso país. Esse órgão aponta que no ano de 2060, é possível que o Brasil seja mais composto por pessoas idosas que por jovens, com cerca de 58,2 milhões de pessoas na terceira idade, fato que nos fomenta preocupações sobre a forma como esse envelhecimento ocorre, em face aos atendimentos oferecidos.

Inerente ao desenvolvimento humano, a velhice é definida como um processo natural, mas que se estabelece de forma singular em cada indivíduo. Ela está diretamente relacionada a fatores biológicos, sociais e psíquicos e depende também da forma como esse indivíduo trilhou sua vida, estabelecendo hábitos e crenças nos diferentes contextos sociais aos quais se engajou (Souza; et al., 2021). Conforme Antunes e Abreu (2017), o envelhecimento da população tem sido considerado como um problema, uma vez que não há políticas claras para que essa população prossiga inserida em nossa sociedade, ocasionando em impactos sócio comunitários.

Pautamo-nos na busca por alternativas para pessoas idosas institucionalizadas, ou seja, asilados, porque esse grupo, em especial tende a produzir uma visão diferente e, um tanto distorcida de si, em meio à comparação de sua jornada antes e após a institucionalização. Sobre este respeito, Faleiros e Justo (2007) abordam a importância da redução dos estereótipos criados em relação à velhice, sendo o fator 'idade', condição quase automática para a ocorrência das internações. O distanciamento da família e do 'mundo' como conheciam anteriormente, tende a acelerar a deterioração humana, com quadros de ansiedade e depressão, advindas da sensação de inutilidade e distanciamento socioafetivo.

Partimos do reconhecimento da complexidade da velhice como constituidora de identidades e identificações. Negamos a visão da instituição 'asilo', 'lar de idosos' ou 'abrigo de velhos' como um 'depósito' de idosos, passando a abordar o potencial crítico-formativo destes ambientes por uma articulação pautada em práticas educativas. Estudos apontam que a educação favorece o desenvolvimento das capacidades cognitivas de pessoas idosas, especialmente àquelas institucionalizadas, favorecendo a interação social e o engajamento em cenários possíveis ainda não explorados, como a inserção tecnológica, por exemplo.

Amparadas nestes fatos, questionamos: como as dinâmicas que envolvam pessoas idosas asiladas, podem contribuir para a melhora de sua qualidade de vida? O que evidenciam os relatos de pessoas idosas institucionalizadas que participaram de dinâmicas interacionais pautadas no desenvolvimento de capacidades físicas e cognitivas? Nossa pesquisa se caracteriza como uma abordagem qualitativa, instrumentalizando-se por revisão bibliográfica, levando em conta as contribuições de estudos brasileiros pautados na temática. Além disso, desenvolvemos algumas atividades formativas em uma instituição asilar situada em uma cidade no interior de Minas Gerais. As atividades, bem como entrevistas realizadas durante esse processo, são analisadas neste trabalho, com base nas contribuições de abordagens pautadas na ludicidade e amorosidade, na direção do desenvolvimento global do indivíduo nestes espaços sociais.

Lançamo-nos no debate sobre a inconclusão humana, expressa por Freire (2021) que nos enseja sempre a oportunidade de aprender e desenvolver em interação. Com base na educação crítico-emancipatória, é possível buscar outras alternativas para a (re)construção das imagens pessoais e sociais sobre o velho ou a velhice como algo acabado, cuja única expectativa futura seria a morte.

Em igual medida, as instituições asilares podem se tornar instrumentos desta proposta (trans)formativa, uma vez que não estariam pautadas, unicamente, na conservação da vida e da saúde do idoso, por meio do oferecimento de tratamentos médicos. É possível que esses espaços, que ora contribuem, sem necessariamente desejarem isso, para o aumento das enfermidades na terceira idade, passem a mediar experiências de ressignificação de estereótipos pautados na dualidade estabelecida entre utilidade/inutilidade do corpo idoso (Russo *et al.*, 2021).

Com base neste entendimento, propomos algumas considerações para a construção de espaços asilares de formação, cuidado e emancipação social. Este artigo tem a seguinte organização: inicialmente voltamos nosso olhar à compreensão do fenômeno da velhice, levantando questões pertinentes ao envelhecimento saudável e integrativo, considerando algumas prerrogativas interdisciplinares entre Educação e Psicologia. Em seguida, delineamos algumas considerações sobre nossa abordagem crítico-pedagógica, que possibilitou a produção de relatos sobre dinâmicas interacionais desenvolvidas com participantes na terceira idade. Após, estabelecemos nossas propostas pautadas na Educação Crítico-Emancipatória de Freire

(2019; 2021), dialogando com a repercussão destas no cotidiano de indivíduos institucionalizados. Finalmente, tecemos algumas considerações finais.

2. O que é Envelhecer? Bases Para o Entendimento do Envelhecimento Saudável e Integrativo

“A mortificação do eu, é a tensão entre o mundo doméstico e o mundo institucional: o primeiro processo de “mortificação do eu” é a barreira posta pela instituição entre o interno e o mundo exterior e o segundo processo de “mortificação” designa por mutação do eu: perda do nome, separação de posses, dos bens, maus tratos, marcas e perdas dos membros do corpo, violação do território do eu, invasão de barreiras, a ruptura dos laços afetivos principalmente familiares e perda de autonomia” (Goffman, 2003, p. 23).

Como indica a epígrafe que abre essa seção, a mortificação do eu, se refere à mortalidade do desejo que se insere no sujeito. Nas instituições asilares, é cada vez mais comuns as imposições e regras de funcionamento e disciplinares que deixam em si, o vazio no singular do sujeito, que perdem a capacidade de usufruir a liberdade e os desejos particulares, entre o corpo “trancado” submetido às regras da instituição.

As instituições asilares têm se destinado à assistência integral, mas sem a manutenção da possibilidade de promoção de vivências sociais, entre as emergências e urgências das famílias. A padronização das rotinas institucionais sem a criação de espaços pautados na privacidade para o idoso, auxiliam para o declínio subjetivo, físico, psíquico, moral e social, além de aumentar as carências e frustrações.

O envelhecimento, apesar de temido largamente em nossa sociedade, pode ser considerado como um fenômeno natural, mas multifacetado e que acomete a todos de uma forma singular e diversificada. Pode ser considerado idoso, de acordo com a Lei n. 10.741 de 1º de outubro de 2003, a pessoa que possua idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos completos. O *Estatuto do Idoso* é um dispositivo legal que visa garantir os direitos das pessoas nesta fase da vida, visando sua proteção e manutenção da inserção social destes. Ainda de acordo com essa Lei, é imprescindível que as pessoas idosas recebam oportunidades para se engajarem de diversas formas, objetivando a “preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade” (Brasil, 2003, Art. 2º).

Entendida como uma fase que acarreta diminuição de funções físicas e cognitivas do corpo, a pessoa considerada velha também é uma pessoa vista como frágil e, em geral, é comum que as pessoas idosas se sintam excluídas da sociedade produtiva, predominantemente capitalista. Devido à alta taxa de envelhecimento, ocasionada pelo aumento na expectativa de vida, os campos econômico e de saúde têm se preocupado mais com essa fase, uma vez que ela implica em uma maior dependência de serviços públicos de saúde e gastos com o pagamento de aposentadorias e demais recursos previdenciários.

De acordo com a pesquisa de Krug *et al.* (2018), em geral, algumas condições podem influenciar na forma como as pessoas idosas entendem-se mais ou menos saudáveis. Ao pesquisarem 239 pessoas idosas em Santa Catarina SC, esses autores evidenciaram que a depressão é uma das responsáveis pela diminuição da percepção da saúde positiva.

A velhice nos remete a pensar sobre o social, processo pelo qual se inscreve a historicidade e a pluralidade, entre o ser e a linguagem que nos inspira a construção de comportamentos, percepções e desejos entre fantasias e a realidade. A concepção sobre a velhice tende a se modificar, entre culturas diferentes, ao longo do desenvolvimento do pensamento social. Em uma concepção na qual morrer é a única certeza da vida, ser idoso é distorcer as condições impostas do nível de ação e produção social, cenário no qual as pessoas idosas se tornam visíveis para o outro. Para Beuvior, (1990, p. 15) a velhice é entendida como:

Um fenômeno biológico com conseqüências psicológicas que se apresentam através de determinadas condutas, consideradas típicas da idade avançada. Modifica a relação do homem no tempo e, portanto, seu relacionamento com

o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem nunca vive em estado natural: um estatuto lhe é imposto, também na velhice, pela sociedade a que pertence.

Assim, a velhice pode significar a condição do Ser e o encontro com suas finitudes, expectativa que poderá resultar em sofrimentos e angústias. A velhice, não somente representa o “Velho”, mas uma fase avançada, sobre a qual se somam complexidades emocionais, sociais e culturais. Falar sobre o envelhecer se torna algo mais complexo que tratar apenas das modificações no corpo, reverberando também na posição social ocupada pelo indivíduo sobre o qual as normas sociais se diferem e tendem a estigmatizar o corpo idoso, impactando em sua identidade e senso de utilidade social, algo extremamente valorizado nas sociedades capitalistas (Costa, 2022).

A aceitação da velhice, é ainda um processo complexo, pois, as variedades das mudanças geram grandes impactos no Eu e também no âmbito familiar e social, trazendo a sensação de improdutividade, impotência e dependência. Ou seja, o envelhecimento é um processo complexo e multifacetado que está além das modificações corpóreas no indivíduo. Há mudanças conscientes e inconscientes, culturais, psíquicas, afetivas e biológicas sobrecarregando cada vez mais a existência humana. De acordo com Beauvoir, (1990, p. 665):

A sociedade só se preocupa com o indivíduo na medida em que este rende. Os jovens sabem disso. Sua ansiedade no momento em que abordam a vida social é simétrica à angústia dos velhos no momento em que são excluídos dela. Neste meio tempo, a rotina mascara os problemas. O jovem teme essa máquina que vai tragá-lo e tenta, por vezes, defender-se com pedradas; o velho, rejeitado por ela, esgotado, nu, não tem mais que os olhos para chorar. Entre os dois, a máquina gira, esmagando homens que se deixam esmagar porque nem sequer imaginam que podem escapar. Quando compreendemos o que é a condição dos velhos, não podemos contentar-nos em reivindicar uma ‘política da velhice’ mais generosa, uma elevação das pensões, habitações sadias, lazeres organizados. É todo o sistema que está em jogo e a reivindicação só pode ser radical: mudar a vida.

A contemporaneidade exemplifica que as centralizações pautadas na juventude, a busca pelo retardo do envelhecimento pela amenização ou eliminação das marcas no corpo vem, cada vez mais, tomando parte dos anseios humanos. O envelhecer dito como: improdutivo, falho e excluído, se insere também na mente, entre ritmos e limitações, levando muitos à própria negação deste processo.

De acordo com Mucida (2006, p. 80), o novo mal-estar da cultura é “envelhecer em um mundo permeado pelo imperativo do novo, onde o corpo idoso é o avesso do modelo corporal do poder. Há a desvalorização do saber dos mais velhos em favor do novo, da beleza e da juventude”. Em decorrência disso, muitos tratamentos vêm sendo desenvolvidos para amenizar as transformações corpóreas, mas questionamos, o que se tem feito para manter a mente em pleno desenvolvimento? Como desenvolver outro cenário em instituições asilares, tornando as pessoas idosas seres ativos e protagonistas de sua própria existência?

De acordo com Pereira, et al., (2021) é imprescindível que dinâmicas educativas pautadas na problematização e transformação das realidades sejam oferecidas às pessoas idosas, dotando-as de protagonismo no processo decisório acerca de sua própria vida. Por esse motivo, conforme indicam os autores, é importante que os processos educativos que contemplem pessoas idosas, se pautem na busca pelo *ser mais*, pela transcendência de si.

Experiências pautadas nestes objetivos indicam a efetividade de três eixos norteadores: “i) atividade; ii) autonomia e independência; e iii) participação e integração” (Pereira, et al., 2021, p. 48). Ou seja, “a inserção de idosos escolarizados, ou não, em programas não formais de educação permanente, indica ser essencial para o bem-estar físico, emocional e para o desenvolvimento pessoal do idoso” (Pereira; et al., 2021, p. 49). Na próxima seção, indicamos algumas considerações sobre nossa metodologia de investigação.

3. Metodologia

Para a realização desta pesquisa, pautamo-nos nos pressupostos da investigação qualitativa, tendo em vista as contribuições desta abordagem para o (re)conhecimento de práticas integrativas plurais, pautadas no desenvolvimento cognitivo de pessoas idosas e envelhecimento saudável. A pesquisa foi motivada por indagações acerca de alguns temas, durante a realização do estágio curricular em um Abrigo para pessoas idosas situado em uma cidade no interior de Minas Gerais no ano de 2016. O estágio foi uma demanda do curso de formação em Psicologia, no qual cursamos o sexto período.

A partir de entrevistas iniciais, considerando a *Metodologia de Investigação Temática* de Freire (2019; 2021), observamos uma constante demanda entre os internos, refletida nos relatos sobre solidão e suas angústias. A pesquisa de campo foi realizada com base em dinâmicas grupais, situações nas quais houve produções, resistências e reflexões sobre cada experiência trabalhada.

O acompanhamento do grupo ocorreu no período de seis meses. Inicialmente, foram realizadas entrevistas com os responsáveis da instituição a fim de entender as questões e principais demandas institucionais. Logo em seguida, realizamos o atendimento individualizado dos moradores da instituição, a fim de compreender as suas queixas, demandas, sofrimentos e angústias e o desejo ou não de participação das dinâmicas. Desse modo, foram executadas as dinâmicas grupais, realizadas ao longo de nove semanas seguidas. Ao final, desenvolvemos fechamentos individualizados com os participantes do grupo e com os responsáveis pela instituição, pautados pelos *feedbacks* produzidos no período de execução das atividades.

Em relação a Metodologia de Investigação Temática, esse autor salienta:

Esta Investigação implica, necessariamente, uma metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. Daí que seja igualmente dialógica. Daí que, conscientizadora também, proporcione, ao mesmo tempo, a apreensão dos ‘temas geradores’ e a tomada de consciência dos indivíduos em torno dos mesmos (Freire, 2019, p. 121).

Nesta instituição residiam, durante nossa intervenção, cerca de 62 pessoas, dentre elas 32 mulheres e 30 homens, dos quais 30 foram entrevistadas e 16 foram atendidos, entre entrevistas e dinâmicas grupais que tencionava conhecer o universo pesquisado, bem como proporcionar um estudo exploratório, com registros em diário de campo e gravações audiovisuais. Para a produção dos relatos foi utilizada a técnica da entrevista semiestruturada, estimulando a fala livre, além de observações do cotidiano institucional. Empregamos o recurso da análise do discurso, buscando detalhes sobre a enunciação e as construções ideológicas contidas nos relatos coletados. Para melhor compreensão da realidade pesquisada, foi utilizada como marco teórico, a psicanálise e psicologia social, além das premissas da abordagem pedagógica voltada para a emancipação humana de Paulo Freire (2019; 2021).

Foram realizados encontros semanais em dias e horários definidos de acordo com o funcionamento da instituição, sendo oferecidos uma sala para atendimentos, os materiais necessários para as oficinas, uma sala de vídeo e livre acesso às áreas abertas para interações mais abrangentes. Em cada encontro foi realizada uma dinâmica, que durou cerca de 50 minutos. Compomos grupos de pessoas idosas, trabalhando em cada sessão um tema propício à velhice, com atividades dinâmicas e utilização de revistas e jogos, que nos ampararam nas oportunidades. O número de participantes em cada dinâmica foi variável, uma vez que nem todos decidiram participar de todas as atividades. Por isso, indicamos que, em média, estavam presentes cerca de 16 participantes em cada atividade. Destacamos a importância da escuta e do acolhimento neste processo integrativo.

De acordo com Leite (2012) as relações humanas integrativas necessitam em demasia de uma postura de amorosidade, alteridade e escuta ativa. Nas práticas pedagógicas, a escuta ativa, além da ludicidade nos processos de ensino e aprendizagem tem alcançado cada vez mais destaques nas pesquisas brasileiras, em face ao reconhecimento dos benefícios da construção de vínculos de afeto durante atividades como as que estamos propondo. Ancorados em Freire (2021), defendemos que as pessoas

idosas não devem ser entendidas como meros *depositáculos* de conhecimentos, regras e determinações institucionais. É preciso que as atividades psicopedagógicas que os abranjam considerem a importância da construção de uma consciência crítica e protagonismo no próprio processo de desenvolvimento. A seguir, indicamos os sentidos produzidos pelas atividades desenvolvidas nesta experiência.

4. Resultados e Discussão

As instituições asilares são produto de demandas sociais, designando investigações e intervenções em vários aspectos de representações a respeito da velhice. A epistemologia da velhice nos âmbitos institucionais e sociais, têm ocupado posição marginal nas instituições, pois estas são reconhecidas por sua capacidade em reproduzir percepções e reflexões cujo entendimento daquilo que poderia levar a uma velhice ativa tem pouca importância e centralidade. De acordo com Simeão *et al.* (2018, p. 3924) “mesmo quando a família existe e acolhe o idoso, é indispensável que o mesmo participe de atividades que o mantenham física e psiquicamente ativo, visando ao aumento da qualidade e expectativa de vida, assim como o controle da solidão”.

É comum a percepção das instituições asilares como ambientes que se ocupam dos aspectos fisiológicos, priorizando em demasia o cumprimento de determinada agenda de trabalho pautada na conservação da saúde física, desprezando as experiências vivenciadas pelos institucionalizados. Conforme salienta Simeão (2018) esses ambientes se tornam, inclusive contraditórios, ao tratarem os corpos das debilidades comuns ao avanço da idade, mas não se ocuparem ou até serem responsáveis por impactos na saúde mental de pessoas idosas atendidas.

As questões interdisciplinares assumem, cada vez mais importância no âmbito institucional, entre a práxis nas subjetividades inseridas no campo institucional, perpassando pelos diferentes significados construídos sobre o envelhecimento. A instituição pontua olhares diversificados da velhice, cria, molda, rotula e rege as demarcações impostas por um modelo social, econômico e capitalista.

Quadro 1 - Detalhamento das dinâmicas realizadas com pessoas idosas em uma instituição asilar.

Atividade	Objetivo	Instruções	Subsídios
Dinâmica do nó	Construção da percepção do entrelaçamento com o outro, reflexão sobre as dificuldades e as facilidades da convivência em grupo	Os participantes de pé, formam um círculo e dão as mãos. Solicitamos que eles percebam quem está ao seu lado direito e esquerdo. Após esta observação, o grupo deverá caminhar livremente. A um sinal do animador o grupo deve parar de caminhar e cada um deve permanecer parado. Então cada participante deverá dar a mão a pessoa que estava a seu lado (sem sair do lugar, ou seja, de onde estiver) mão direita para quem segurava a mão direita e mão esquerda para quem segurava a mão esquerda. (como no início). Com certeza, ficará um pouco difícil devido a distância entre aqueles que estavam próximos no início, mas o animador deve motivar para que ninguém saia do lugar ou troque o companheiro com o qual estava de mãos dadas. Assim que todos estiverem ligados aos mesmos companheiros, o animador pede que retornem para a posição natural, porém sem soltar as mãos e em silêncio. O grupo deverá desamarrar o nó feito e voltar ao círculo inicial, movimentando silenciosamente. Se após algum tempo não conseguirem voltar à posição inicial, o animador libera a comunicação.	Rádio e músicas de acordo com a referência do grupo.
Dinâmica da amizade	Construir e estabelecer elos de amizade e companheirismo	Cada um deve escolher uma pessoa do grupo para escrever uma carta, na entrega, cada um deverá justificar verbalmente e para o grupo, a escolha do colega para a escrita.	Cartões, lápis e canetas.
Dinâmica voltando no tempo	Trabalhar percepções do ciclo vital	Discute-se sobre a passagem do tempo como: infância, adolescência e vida adulta. Trazendo vários <i>insights</i> sobre brincadeiras, amizades, trabalho e casamento. Solicitamos ainda que cada participante reproduza uma imagem daquilo que marcou cada fase da vida.	Revistas, cartolinas, tesouras, jornais, maquiagens em geral.
Dinâmica trabalhando a	Refletir criticamente e explorar aspectos	Pede-se que formem pares, na posição de pé; as pessoas devem escolher um par e se colocar uma em frente à outra; explica: permanecendo com a mão	Rádio e música de

solidão	na velhice sobre as possibilidades e finalidades de melhora da solidão	direita à frente do corpo. Os participantes devem realizar uma dança sinuosa, seguindo o ritmo da música e mantendo, na medida do limite de cada um, a conexão do olhar; continua: seguindo a pontuação, o par troca a mão. Propõe-se a troca de par, mantendo mão direita com mão direita e, em seguida, esquerda com esquerda.	acordo com a demanda de cada dupla.
Dinâmica trabalhando o corpo	Explorar o conceito corpo, além de organismo biológico, e compreender a importância de valorizar as dimensões afetivas e sociais de atenção à saúde	O facilitador pede que os participantes se dividam em pares, na posição de pé ou sentada; explica: uma pessoa faz os gestos corporais e a outra imita; pode pontuar, sugerindo a ênfase de movimentos de partes do corpo diante do espelho. Exemplos: braços, pernas, rosto, mãos, pés ou tronco. Solicita a troca de papéis ao final da música e a repetição da dinâmica. Ao final, o facilitador explica a importância de trabalhar os movimentos do corpo em conjunto com a saúde mental	Mesas, cadeiras e Espelho.
Dinâmica valorizando o “Eu”	Refletir sobre a valorização do corpo e as finitudes das angústias, sofrimentos e medos em relação à personalidade.	Com foco no autoconhecimento, essa dinâmica busca proporcionar uma visão ampla sobre os participantes. Pode ser realizada em círculo e ser formada por até 10 perguntas, como: Quem sou eu? Como você se descreveria? Quais qualidades destacaria em você? Em quais pontos você acha que precisaria melhorar? As respostas serão intercaladas, inspirando empatia e encorajamento entre os membros da equipe.	Mesa, cadeiras, papel e canetas.
Dinâmica autoestima	Trabalhar a autoestima, reconhecer a importância das relações interpessoais que se estabelecem em nível social	O facilitador conversa com o grupo sobre o que eles gostam de fazer, quais objetos pessoais eles gostam de usar. Diante do cenário há a ênfase na importância do cuidado consigo.	Mesa, cadeiras, papel e canetas.
Dinâmica da convivência grupal	Refletir o eu no outro e a importância do outro na construção pessoal	O facilitador dialoga sobre como é a relação grupal e o que pode ser melhorado. Nesse sentido é proposto com o grupo tais “mudanças” para maior interlocução com o outro.	Mesa, cadeiras, papel e canetas.
Dinâmica da identidade	Trabalhar a identidade como totalidade e a mortificação do eu	Com a utilização de massinhas, os participantes devem contar uma história pessoal ou fruto de sua criatividade.	Massinha de modelar de várias cores.

Fonte: Elaboração própria.

Perante as execuções das dinâmicas grupais, observamos grande resistência ao falar em grupo, durante as nossas proposições. Com o passar do tempo, os participantes buscaram uma integração maior, aumentando sua participação nos processos de troca e escuta ativa. Como demonstramos no relato de dona Ana¹, moradora asilada de 90 anos, em muitos casos, a interação era difícil, em decorrência das próprias debilidades dos moradores, como baixa audição: “[...] *Ah, minha filha não vou participar, não escuto direito*”. Ressaltamos em resposta: “*mas podemos participar hoje, caso a senhora tenha dificuldades, voltaremos a refazer tudo novamente...*”. Então, mais animada, dona Ana se dirige à sala das dinâmicas e se expressa: “*vamos começar?*” (Relato da moradora dona Ana de 75 anos, asilada há 5 anos).

A partir dessa primeira interação, observamos melhores entrelaçamentos e disposição pela participação de outras integrantes. Importante ressaltar que essas participações se deram mesmo em meio às dificuldades de locomoção, escuta e vozes silenciosas. Apesar disso, percebemos uma imensa vontade de integração de nossos participantes, uma vez que estas se tratavam de atividades diferentes daquelas que comumente marcavam sua rotina.

¹ Todos os participantes desta pesquisa foram identificados por pseudônimos, visando a proteção de suas identidades.

Os participantes passaram a relatar maiores detalhes sobre sua história e suas memórias, se engajando mais em nossa proposta. Os esquemas elaborados nestas práticas integrativas possibilitaram a construção de representações positivas e construção de laços de amizade e amorosidade. Com base nos relatos dos participantes das dinâmicas, dos responsáveis e de seus colaboradores, nos foi possível constatar diversas informações pautadas sobre mecanismos e meios da institucionalização, sentimentos, emoções dos instituídos acerca do ambiente em que vivem, e como as pessoas idosas encaram o asilo como sendo a sua única opção para a moradia.

Diante dos relatos dos responsáveis e colaboradores observamos o cuidado e acolhimento, segundo o depoimento de uma enfermeira, colaboradora na instituição: *“Aqui, temos que exercer o nosso trabalho com muito carinho e dedicação. É abraçá-los e cuidá-los, porque senão alguns idosos não recebem nenhum o abraço”* (Relato da enfermeira Marina, trabalhadora no asilo há três anos).

Os espaços de moradia são divididos em alas para mulheres e homens separadamente, dentro desses espaços, há seis camas em cada ala. As acomodações também motivaram alguns relatos dos moradores durante nossas interações, já que geravam certo desconforto para alguns, como no relato do senhor Alfredo: *“Aqui é até bom de morar, tenho amigos, mas é desconfortável ter cinco pessoas com você”* (Relato do morador Alfredo de 69 anos, asilado há 9 anos).

É perceptível que as interações livres provocaram nos participantes a oportunidade de oferecer certos *feedbacks* quanto à forma como vivem e veem a instituição, enquanto casa. O relato do senhor Alfredo demonstra como a situação de asilado pode influenciar na perda da privacidade e capacidade de constituir uma vida individual, na medida em que essa situação o força a estar, em todo momento, na companhia de outras pessoas.

Em muitos relatos, a rotina incessante foi salientada. Como em coro, muitos moradores repetiram a frase: *“aqui não tem nada para fazer”*. A sensação de inutilidade também foi uma tônica constante, representada na fala de dona Maria, que relembra de sua mocidade, época na qual ela se sentia mais integrada à sociedade: *“Era bom quando eu era nova, trabalhava, me divertia, agora, é só esperar o tempo, o tempo e contar no relógio. Aqui, tudo tem o seu tempo... Hora de tomar café, almoçar, jantar e tomar banho. Já não sei o que é o tempo!”* (Relato da moradora Maria de 80 anos, asilada há 6 anos).

Essa rotina à qual dona Maria se refere, na qual os asilados são controlados e direcionados a atenderem a determinados anseios institucionais também lhe tolhem a individualidade e subjetividade. O horário do almoço não é mais o horário determinado por eles para almoçar, mas sim, é determinado pela instituição, essa coordenação da rotina ressalta ainda mais esse anseio da moradia na espera para que o tempo passe e, talvez, a morte, única certeza, os alcance.

Para Foucault (2010), o poder disciplinar é uma forma de poder para que os indivíduos se tornem obedientes, diante das demandas que são estabelecidas, tornando-se alienados e submissos. Há uma noção superficial da passagem do tempo que governa o corpo e as práticas sociais nas quais os moradores se engajam. Ao tratar do conceito de *biopoder*, Foucault estabelece alguns pressupostos de governabilidade de corpos, em prol da manutenção da vida.

“A norma é o que pode tanto se aplica a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar. A sociedade de normalização é uma sociedade em que se cruzam a norma da disciplina e a norma da regulamentação” (Foucault, 2010, p. 213). Em geral, os corpos devem ser criados para ser economicamente ativos, o que é expresso no relato de dona Maria, sobre a sensação de inutilidade, construída a partir das próprias experiências no asilo.

O tédio que se apresentou, foi recorrente em falas pontuais, onde o tempo ali parava, ressoando nas vozes de nossos participantes em meio às lágrimas e sorrisos. O companheirismo marcava fortemente uma palavra e outra em cada dinâmica realizada. Diante da *solitude* e o companheirismo havia o desejo por participar das dinâmicas e se fazer ouvir, naquele espaço identificado como seguro e dialógico. Notamos que o senhor Antônio sempre buscava seu amigo, o senhor José, ressaltando: *“Vamos, hoje é dia de alegria, a “Psicóloga”, chegou...”*. E, logo, logo, ambos vinham ao nosso encontro entusiasmados.

O estudo de Azevedo e Afonso (2016) retrata como a solidão é um sentimento presente na vida das pessoas idosas, tendo em vista a carência afetiva, devendo ser observada, sempre que possível, por profissionais da saúde e familiares com os quais o indivíduo tem contato, bem como, seu potencial em contribuir com manifestações psicossomáticas e, em casos extremos, até com o suicídio:

Os profissionais que convivem com essas pessoas deverão estar atentos à sua comunicação verbal e não verbal, pois muitas vezes, sobretudo se forem idosos, expressam seus sentimentos de solidão de forma atípica, através de queixas psicossomáticas, manifestações agressivas e/ou depressivas, ou ainda através de atividades nem sempre bem interpretadas pelos outros e/ou através de tentativas de suicídio (podendo este chegar mesmo a acontecer) (Azevedo & Afonso, 2016, p. 315).

Além da solidão, outro sentimento muito relatado é o de exclusão, ressaltado nas lembranças da vida adulta, em detrimento dos desfechos percebidos na velhice. Muitos dos asilados ressaltaram crenças pejorativas a essa fase da vida, lançadas em falas referentes às famílias, tais como: “*Era bom, quando eu trabalhava, era novo, servia para alguma coisa... Ah, minha filha... Depois que ficamos velhos, os filhos fazem isso com a gente*”. (Relato do morador Mathias de 71 anos, asilado há 7 anos).

Essa sensação de abandono do idoso por seus familiares é recorrente em diferentes pesquisas. Morais *et al.* (2012) explicam que muitas são as razões pelas quais os moradores adentram a uma instituição asilar como as dificuldades, pela família, em manterem uma rotina de cuidados em suas casas, considerando as fragilidades impostas pelo envelhecimento. Os distúrbios comportamentais e a falta de espaço físico ou impossibilidade para adaptação estrutural para a mobilidade destes também são relatos recorrentes (Morais *et al.*, 2012).

O abandono familiar, a perda das habilidades físicas e motoras, promovem o sentimento de medo e abandono, reduzido após encontrarem certo acolhimento e segurança dentro da instituição asilar. Entretanto, as modificações nas rotinas que antes exerciam, geram atrofiamentos corporais e subjetivos como tentativas de movimenta-se diante das vivências do cotidiano demarcado pelo Outro. A importância da movimentação é ressaltada por dona Ana em uma das dinâmicas desenvolvidas que teve como objetivo trabalhar a movimentação corporal: “*Com essa dinâmica “Trabalhando o corpo, pude ver o quanto é bom movimentar, somos velhos, mas precisamos desses movimentos*”. (Relato da moradora dona Ana de 75 anos, asilada há 5 anos).

As manifestações corporais são essenciais para a percepção de si em relação ao mundo. “*Meu corpo é, pelo menos em relação ao mundo percebido, o instrumento geral de minha compreensão*” (Merleau-Ponty, 1994, p. 272). Diferentes benefícios são demonstrados quando pessoas idosas desenvolvem alguma atividade física, tendo relação com a melhora do desempenho físico e motor (Borges & Moreira, 2009). Essa melhora no desempenho corporal diz respeito ao aumento da destreza e autonomia.

A instituição asilar e o afastamento social, remetem o idoso ao isolamento, onde ali não existe mais uma rotina individualizada, mas grupal, como se todos estivessem na mesma situação. Para ilustrar, ressaltamos: “*Nessa dinâmica Valorizando o Eu pude refletir... Já fui tantas... agora nem sei quem sou...*” (Relato da moradora dona Joana de 79 anos, asilada há 10 anos). O interesse pela própria identidade, lembrada nas experiências compartilhadas em outros espaços sociais, levaram nossos participantes à busca incessante por si, pela recuperação de seus gostos, suas manias, preferências e opiniões.

Um olhar mais humanizado para esses moradores pode favorecer a construção de interações que valorizem mais as construções subjetivas do “eu”, em detrimento da visão que eleva todos os moradores a um esforço único de compreensão. Percebemos que houve muita alegria e abertura quando as pessoas idosas perceberam que estávamos interessados em suas

histórias e experiências, fato que lhes modifica a rotina e devolve, ao menos um pouco, a sensação de utilidade, outrora perdida.

Apesar de a grande maioria de nossos participantes entenderem a instituição asilar como um local seguro, em face às suas debilidades, constituindo um lugar melhor para se viver, para muitos, esta foi a única opção de moradia existente. Nossa presença ofereceu a animosidade pela participação e comprometimento nas atividades posteriores, quando finalizávamos a interação do dia. Oportunizávamos algo diferente daquilo presenciado pelos moradores e essa percepção positiva sobre nosso trabalho é expressa em relatos como o de dona Aparecida: “Hoje foi muito legal, pude voltar no tempo...” (Relato da moradora dona Aparecida de 81 anos, asilada há 9 anos).

Não nos cabe estabelecer críticas em demasia à forma como esses espaços de convivência são organizados. Entendemos, com base em nossa incursão no campo de pesquisa, que não é fácil estabelecer uma rotina de cuidados que preserve a vida de pessoas idosas em situações tão plurais: necessidades de acompanhamentos especializados, rotina alimentar distinta, debilidades físicas e cognitivas, dentre outros fatores. Contudo, demonstramos como experiências pautadas na amorosidade e reconhecimento de si, podem contribuir para que a rotina de pessoas idosas asiladas seja mais prazerosa e integrativa.

5. Considerações Finais

Encerramos nossas reflexões reconhecendo que apesar dos avanços percebidos na contemporaneidade, entre a trajetória das instituições asilares, estas ainda carecem de melhoramentos. Em nossa jornada, encontramos dimensões direcionadas à dualidade, refletida nas rejeições, nos medos, nas angústias, na solidão e nos sofrimentos físicos e psíquicos. Entendidas como ideologias que percorrem a história dos indivíduos, participantes de nossa pesquisa, esses elementos são sinônimos de atribuições negativas entre produtividade/improdutividade ou utilidade/inutilidade, tornando-se impregnados na cultura institucional. Contudo, o processo de envelhecimento deve ser entendido como fluido e natural, nas constantes fases do ciclo vital, já que nascer já é envelhecer.

Em geral, nossa sociedade entende que a velhice está relacionada às dificuldades quanto a sua epistemologia, uma vez que o constante desejo por saúde e uma vida considerada como ‘bem vivida’, tanto para o idoso quanto para sua família, vem sendo fragmentado, impactando a singularidade e a totalidade individual do ser. A totalidade é vista, como multidisciplinaridades construídas entre os campos biológico, social, psíquico e social. Entretanto, ela é compreendida como etapa da idade cronológica do sujeito e entre diversas mudanças interferindo nas relações sociais.

Ao contrário dessa ideia dual de utilidade/inutilidade, é necessário que as instituições asilares e a sociedade como um todo passe a atribuir vivências ao idoso entre os processos simbólicos direcionados ao amadurecimento, a utilidade e a autonomia, considerando o conjunto de fatores genéticos, sociais, culturais e da historicidade subjetiva. Assim, podemos conceber a velhice não como predestinação ao fim, mas sim como o resultado dinâmico da existência humana. A aliança entre Psicologia e Educação, como forma de acolhimento e escuta ativa do sujeito, entre relações, emoções e sentimentos, contribui para a construção e desenvolvimento destes, tanto na humanização quanto em relação aos processos biopsicossociais.

Nosso percurso investigativo mostrou a importância de espaços seguros de escuta ativa e compartilhamento de realidades. Esses momentos não parecem comuns aos nossos participantes, dada suas ressalvas iniciais no início de nossos diálogos. Trabalhos futuros podem focar com maior profundidade os ganhos de ações como essas em nível continuado, uma vez que quando essas oportunidades ocorrem, elas se dão a partir de oficinas de formação que se desenvolvem em um curto período de tempo. Além disso, um acompanhamento mais enfático pode produzir maiores resultados sobre as consequências de oficinas de formação em níveis cognitivo e psicológico, atuando na melhora do raciocínio e também na diminuição de quadros depressivos comuns nas pessoas idosas.

Referências

- Antunes, M. C., & Abreu, V. (2017). As novas tecnologias na promoção do envelhecimento bem-sucedido. *Ensino e Tecnologia em Revista*. Londrina, 1, (1), 3-15. <https://periodicos.utfpr.edu.br/etr/article/view/5885>.
- Azevedo, Z. De A. S., & Afonso, M. A. N. (2016). Solidão na perspectiva do idoso. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, 19(2), 313-324.
- Beuvoir, S. (1990). *A Velhice*. (M. H. F. Martins, Trad.). Nova Fronteira.
- Borges, M. R. D., & Moreira, A. K. (2009). Influências da prática de atividades físicas na terceira idade: estudo comparativo dos níveis de autonomia para o desempenho nas AVDs e AIVDs entre idosos ativos fisicamente e idosos sedentários. *Motriz*, Rio Claro, 15(3), 562-573.
- Brasil. (2003). Lei n. 10.741 de 1º de outubro de 2003. *Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências*.
- Costa, M. O. (2022). *Interfaces da Psicologia e da Educação nos processos de envelhecimento: entre horizontes e jornadas*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Faleiros, N. de P., & Justo, J. S. (2007). O idoso asilado: a subjetividade intramuros. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, 10(3), 327-337.
- Freire, P. (2019). *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra.
- Freire, P. (2021). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.
- Foucault, M. (2010). *Em Defesa da Sociedade*. (2a ed.) tradução de Maria Ermantina Galvão. Martins Fontes.
- Goffman, E. (2008). *Manicômios, prisões e conventos*. (8a. ed.): Perspectiva.
- Krug, R. de R. et al. (2018). Fatores sociodemográficos, comportamentais e de saúde associados à autopercepção de saúde positiva de idosos longevos residentes em Florianópolis, Santa Catarina. *Rev. bras. epidemiol.* 21, 1-16.
- Leite, S. A. da S. (2010). Afetividade nas práticas pedagógicas. *Temas em Psicologia*. 20(2), 355-368.
- Merleau-Ponty, M. (1994). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- Morais, E. C. de. et al. (2012). Abandono do idoso: instituição de longa permanência. *Acta de Ciências e Saúde*, 2(1), 26-38.
- Mucida, Â. (2006). *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. (2a ed.). Autêntica.
- Pereira, D. de A.; Todaro, M. de A., & Cachioni, M. (2021). Educação permanente e o círculo de cultura freireano: diálogos com idosos. *Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde*, 23(2), 46-64.
- Py, L. (2004). Envelhecimento e subjetividade. In: Py, L. *Tempo de envelhecer*. Mao.
- Simeão, S. F. de A. P. et al. (2018). Estudo comparativo da qualidade de vida de idosos asilados e frequentadores do centro dia. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(11), 3934-3934.
- Souza, E. M. de, SILVA, D. P. P., Barros, A. S. de. (2021) Educação popular, promoção da saúde e envelhecimento ativo: uma revisão bibliográfica integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26 (4), p. 1355-1368. <https://www.scielo.br/j/csc/a/gKNHyg95H4SQgKQ3hxnzNZx/?format=pdf&lang=pt>.
- Russo, W. M. L., Cunha, F. I. J., Azambuja, S. M., Almeida, R. S., Soccac, D. M., Biavaschi, A. da S., Machado Filho, M. da M., Hickmann, J., Zanella, S. P., Silveira, M. G. de S., Moleda, J. M. M., & Dornelles, L. V. (2021). The effect of the beauty empire on a group of kindergarten students: reflections on age discrimination. *Research, Society and Development*, 10(14), e463101422625.